

O Projecto Troika de narrativas audio+visuais em Portugal: *media*, resiliência e vulnerabilidade

Troika Project of audio+visual narratives in Portugal: Media, resilience and vulnerability

Vanessa Ribeiro Rodrigues¹

Henrique Diz²

Maria José Palma Lampreia Dos-Santos³

Resumo

Este artigo tem como principal objetivo analisar em que medida o *Projecto Troika* de narrativas visuais em 2014, que uniu um coletivo de oito fotógrafos e um documentarista, contribuiu para dar voz a histórias de vulnerabilidade e resiliência em Portugal, empoderar a sociedade portuguesa para o progresso humano e de que forma se enquadra no que se entende por Jornalismo Para o Desenvolvimento. Além disso, pretende perceber como o projeto se harmoniza, tematicamente, nas problemáticas das Nações Unidas da agenda de desenvolvimento sustentável (2015-2030). Para responder a essas questões, realizamos um estudo exploratório por meio de entrevistas semiestruturadas a seis membros desse coletivo independente: duas por e-mail e quatro presencialmente. Concluímos que o documentário se afirma com maior potencial para promover a reflexão do que as fotografias, no que diz respeito a questões de desenvolvimento e progresso humano, e que os seus contributos poderão ser ao nível da promoção do debate para a consciencialização. No entanto, não parecem ter criado potencial imediato para o empoderamento da sociedade civil. Assim, sugere-se que, em futuros trabalhos jornalísticos no âmbito de Jornalismo Para o Desenvolvimento, sejam combinadas, sempre que possível, narrativas que associem quer documentários, quer entrevistas registadas em áudio aos principais intervenientes, como forma de empoderar a sociedade e contribuir de forma mais eficaz para a mudança social.

¹ Doutoranda em Estudos em Comunicação Para o Desenvolvimento, Univ. Lusófona do Porto, Portugal; Mestre em informação e jornalismo. Univ. Minho vna.ribeiro.rodrigues@gmail.com

² Professor catedrático. Universidade Lusófona do Porto, Portugal. diz.henrique@gmail.com

³ Doutorada em Economia. Escola Superior de Comunicacao Social do IPL, Portugal. mjpls1963@gmail.com

Palavras-chave

Comunicação para o desenvolvimento, Jornalismo para o Desenvolvimento, Projecto *Troika*.

Abstract

This paper aims to analyze to what extent the Troika project on visual narratives, in 2014, in Portugal, helped to give voice to stories about vulnerability and resilience, empower the Portuguese society fostering human progress and how it fits in the framework of journalism for development. It also aims to realize to what extent the project devotes, thematically, the UN issues on the agenda for the post-2015 development. To answer these questions, we conducted an exploratory study, through structured interviews with three members of this independent collective. We conclude that the documentary is stated to have the greatest potential to promote reflection rather than the photographs, with regard to development issues and human progress and that their contributions may be at the level of debate to promote awareness. However, do not seem to have created immediate potential for the empowerment of civil society. Therefore, in future journalistic works, concerning journalism for development, we suggest the convergence of narratives that combine either documentaries, as well as audio interviews to the main protagonists of the story as a way to empower society and accordingly contribute to a more efficient way to social change.

Keywords

Communication for development, Journalism for development, Troika Project.

Introdução

A crise económica e financeira iniciada em 2007 nos Estados Unidos da América, conhecida como a crise do *subprime*, disseminou-se aos Países Mediterrânicos, nomeadamente, a Portugal, país que vivenciou, à semelhança de outros, o espantoso financeiro como doença endémica, cujos impactos obrigaram a reajustes das suas políticas orçamentais e afetaram, para além dos grandes agregados macroeconómicos, a dimensão social do país (Fonseca, Diz, Dos Santos [sd]). Nesse

enquadramento, tanto a economia social e solidária como a comunicação social têm um papel preponderante e crescente. No primeiro caso, promovendo o emprego, a proteção social e a criação de riqueza; no segundo caso, sendo escrutínio dos valores democráticos, denunciando situações de desigualdade e violação de direitos humanos, na promoção de uma sociedade mais justa e equitativa conforme advogam organismos internacionais como as Nações Unidas (NU) e a Organização Mundial do Trabalho (OMT).

Em Portugal, o impacto da crise do *subprime*, associado a um excessivo endividamento público e privado, conduziu à impossibilidade de o país conseguir financiar nos mercados externos, que culminou em 2011 com um pedido de assistência económica e financeira à tríade: Comissão Europeia, Banco Central Europeu e Fundo Monetário Internacional, conhecida como a *Troika*. Tratou-se de um Programa que obrigou Portugal a um conjunto muito alargado de medidas orçamentais restritivas com impactos socioeconómicos na economia e na população portuguesa que se traduziram em desemprego e pobreza, e configuraram simultaneamente realidades sociais de resiliência e vulnerabilidade.

Paralelamente, as NU, no âmbito dos objetivos globais tem na sua agenda a erradicação da pobreza como um dos objetivos prioritários na promoção do desenvolvimento e na diminuição das desigualdades sociais. O relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, 2015) refere que, por um lado, a pobreza continua a ser uma realidade latente não apenas em países em desenvolvimento, como também afeta, atualmente, países considerados desenvolvidos.

Por outro lado, a divulgação dos Objetivos do Milénio parece ter falhado na sua efetiva comunicação Deane & Higgins (2007). Esta tem-se revelado, ao longo da história, estratégica para as questões de desenvolvimento, como sucede com o jornalismo, que tem dado voz a protagonistas de contextos vulneráveis. No entanto, parece irónico que, numa época em que a tecnologia está mais do que nunca disponível para ajudar no desenvolvimento dos países, a desigualdade e os cenários de vulnerabilidade aumentem, como sucedeu no caso português, e se traduzam em cenários de pobreza e miséria. Nesse contexto, surge o *Projecto Troika* de narrativas áudio+visuais em 2013, formado por um coletivo de oito fotojornalistas e um documentarista, que

desenvolveram um trabalho de Jornalismo para o Desenvolvimento, financiado por *crowdfunding*, com o intuito de expor ao país e ao mundo os efeitos dessas medidas de austeridade e com a missão de consciencializar para os seus impactos sociais.

Assim, este trabalho tem como objetivo responder às questões: de que forma o *Projecto Troika* contribuiu para desvelar histórias invisíveis de vulnerabilidade e resiliência? De que forma as narrativas visuais que realizaram podem contribuir ou não para o desenvolvimento? Que mudança social o *Projecto Troika* poderá ou não promover? Em que medida o projeto desenvolvido se relaciona com a comunicação para o desenvolvimento? E de que forma o trabalho desenvolvido pode empoderar a sociedade civil para o desenvolvimento humano?

Desenvolvimento e comunicação: aliados?

O conceito de Desenvolvimento não se circunscreve a uma única definição e tem vindo a alterar-se de acordo com o contexto sócio-económico em que se insere, suscitando debates e até posições divergentes. Conforme analisa o economista e investigador espanhol Alfonso Dubois (2007) o conceito de Desenvolvimento é “histórico” e, por isso, deve ter-se em conta a evolução das suas definições em função do pensamento e dos valores dominantes em cada época. Ainda hoje a palavra Desenvolvimento tem diferentes significações no mundo. O termo que melhor serve este artigo é o de Desenvolvimento Humano. Atualmente, para as Nações Unidas enunciá-lo é colocar o Ser Humano como ponto nevrálgico. Nesse sentido, também é possível estabelecer uma relação entre as diversas etapas e visões de Desenvolvimento nos últimos 60 anos e as concepções da comunicação intrínsecas a cada uma das fases. Por exemplo, Servaes (2003) estabelece três grandes fases: a modernização, (1945-1965); a dependência (1965-1980); e a multiplicidade (1980 até hoje). Com efeito, as relações entre Comunicação Desenvolvimento (C4D) conquistaram legitimidade académica depois da publicação de Wilbur Schramm em 1964 que, enquanto consultor da Unesco, formulou uma estratégia de Comunicação para o Desenvolvimento dos países menos desenvolvidos de então. A expressão C4D foi usada, pela primeira vez, em 1972, por Nora Quebral. Segundo a autora (2002:16), “a arte e a ciência da comunicação humana aplicada à transformação rápida de um país e da sua população, da pobreza, para um estado dinâmico de crescimento económico possibilita uma maior igualdade social e uma maior realização do potencial

humano”. Conforme sistematização de Mota-Paula, desde a década de 1990 temos assistido a uma proposta de Desenvolvimento —e, nesse sentido, de Comunicação para o Desenvolvimento— focada na tecnologia, nas identidades, no empoderamento das comunidades, onde os *Media* são coadjuvantes da dialética comunicacional. Nesse âmbito, a globalização veio propor novos dilemas e novos Objetivos de Desenvolvimento e, conseqüentemente, novas estratégias de C4D. De igual forma, reconfigurou a necessidade de novas expressões de comunicação que, por um lado, permitissem a disseminação de informação para o Desenvolvimento e que, por outro, abordassem assuntos relacionados com a temática.

Desenvolvimento: o papel do jornalismo

Segundo Xiaonge (2009), o conceito Jornalismo Para o Desenvolvimento está mais disseminado na Índia, China e África e é uma espécie de parente da C4D. O termo foi mencionado pela primeira vez em 1960 na *Press Foundation of Asia* (Stevenson, 1994), nas Filipinas. Os jornalistas filipinos Alan Chalkley e Juan Mercado estavam preocupados com o facto de os meios de comunicação estarem a fazer cobertura de assuntos de Desenvolvimento sócio-económico de forma superficial, escrevendo notícias, maioritariamente, a partir de comunicados de imprensa governamentais, deixando pouco espaço para a análise, avaliação e cobertura efetiva dos programas de Desenvolvimento. Nesse sentido, existia a necessidade de refletir sobre o tipo de Jornalismo que se estava a praticar. Chalkley (2009) entendia-o como uma ferramenta para servir os cidadãos em geral e não apenas uma elite e, nesse sentido, privilegiar as vozes dos cidadãos envolvidos no tema a cobrir. Atualmente, o Jornalismo Para o Desenvolvimento foca-se nas condições dos países em desenvolvimento e como melhorá-las, advoga Chalkley (2009). Segundo ele, expõe questões de pobreza pelo mundo, contribui para investigar as causas, as conseqüências e, ainda, como melhor abordar o tema em países em vias de desenvolvimento. Então, enquanto jornalistas de investigação, os jornalistas para o Desenvolvimento desvelam histórias dentro das histórias, expondo, por exemplo, conforme a nomenclatura proposta por Romano: 1) a natureza multifacetada da pobreza; 2) o desenvolvimento económico; 3) questões agrícolas e segurança alimentar; 4) educação e literacia; 5) questões de saneamento básico; 6) saúde, 7) emprego, 8) desenvolvimento tecnológico informacional, 9) igualdade de género; 10) ambiente e sustentabilidade ambiental, 11) desenvolvimento

urbano e rural, 12) condições de habitação, entre outras. Questões se relacionam, diretamente com os 17 objetivos de desenvolvimento sustentável das NU.

Jornalismo Para o Desenvolvimento: Portugal

Em Portugal, o binómio Jornalismo e Desenvolvimento ainda é uma relação por consolidar. Existem, no entanto, alguns guias e linhas orientadoras para a cobertura de assuntos relacionados com o Desenvolvimento Humano, a promoção de Direitos Humanos, a Diversidade, Grupos Vulneráveis e a Inclusão Social. De facto, a ideia que parece impor-se quando se fala de Jornalismo Para o Desenvolvimento relaciona-se com a percepção de que é uma abordagem concernente a problemas sociais de países em vias de desenvolvimento, e onde as palavras “cooperação” e “ajuda humanitária” estão relacionadas. Se por um lado este argumento se baseia na falta de literatura sistematizada sobre o assunto com um foco diferente, por outro, sustenta-se também num recente estudo de 2016 realizado pela equipa do projeto “Aquele outro Mundo que é o mundo – o mundo dos *media* e o mundo de desenvolvimento”⁴, que deu origem ao estudo “O Desenvolvimento nos *Media* - Visões e Percepções de Jornalistas e Profissionais de Desenvolvimento” (2016). O estudo concluiu que, apesar de haver maior interesse e envolvimento jornalístico nas temáticas de desenvolvimento, há ainda pouca cobertura sobre o assunto. E, apesar de os meios de comunicação social serem considerados como “catalisadores de mudança” (Faria & Oliveira, 2016), influenciando opiniões e atitudes numa sociedade, continua a existir, em Portugal, “vozes em falta” que não alcançam essa visibilidade: “vozes de crianças, mulheres, idosos. Vozes de imigrantes, requerentes de asilo, refugiados, ciganos, incapacitados, gays, lésbicas, bissexuais e transexuais. Vozes de quem vive na pobreza, na extrema pobreza, na indigência. Vozes de quem mora fora dos grandes centros urbanos” (Pereira & Jempson, 2014: 6)

Resiliência, vulnerabilidade: uma agenda para o desenvolvimento pós-2015

A crise económica e financeira de 2008 afetou profundamente Portugal. Para cumprir as metas orçamentais, os portugueses foram severamente afetados na diminuição dos seus rendimentos e das suas condições sociais impostas pelo Governo e pela *Troika*. Segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE

⁴ <http://projectomedia.wixsite.com/aqueleoutromundo/depoimentos>

2014), PNUD (2015), Eurostat (2015) e o Instituto Nacional de Estatística (2015), o crescimento da pobreza em Portugal atingiu cerca de dois milhões de pessoas com elevados níveis de vulnerabilidade social em 2015, o que sucedeu precisamente no limiar da revisão dos Objetivos do Milénio. No limiar dessa revisão de objetivos e da adoção de uma agenda de desenvolvimento pós-2015, para um futuro sustentável com dignidade para todos, o Grupo de Desenvolvimento das Nações Unidas (UNDG, 2015) recolheu as perspetivas sobre o mundo em que queremos viver, a partir do testemunho de mais de um milhão de pessoas em várias regiões do planeta. Em geral, os cidadãos exigem participar mais na mudança social do mundo e, assim, ter um papel mais ativo. As áreas fundamentais cobertas pelos objetivos do milénio continuam a ser muito importantes, nomeadamente, erradicar a pobreza extrema e a fome; alcançar o ensino primário universal; promover a igualdade de género e a autonomização da mulher; reduzir a mortalidade de crianças; melhorar a saúde materna; combater o HIV/Sida, a malária e outras doenças; garantir a sustentabilidade ambiental; criar uma parceria global para o desenvolvimento. Os resultados mostraram também que as pessoas estão indignadas com a injustiça que sentem por causa do crescimento das desigualdades e insegurança que existe, sobretudo as pessoas mais pobres e marginalizadas. Para além disso, como os desafios são complexos e interligados, exigem uma agenda de desenvolvimento sustentado que seja integrada, universal e transversal a todos os países e todos os cidadãos, o que exige da sociedade civil uma nova agenda alicerçada nos direitos humanos, nos valores universais de igualdade, justiça e segurança.

Metodologia

Com a finalidade de se conseguir uma melhor governança para Portugal, foi retratado o impacto social das medidas de austeridade no país resultantes do Programa de Assistência Económica e Financeira, por meio do *Projecto Troika* (www.projectotroika.com)⁵, constituído em 2014 por oito fotógrafos profissionais (Adriano Miranda, António Pedrosa, Bruno Simões Castanheira; José Carlos Carvalho; Lara Jacinto, Paulo Pimenta, Rodrigo Cabrita, Vasco Célio) e um documentarista (Pedro Neves), que se organizaram de forma independente, para “dar voz aos que não

⁵O domínio da página web tem estado indisponível, por isso a Página do Facebook é mais fidedigna: <https://www.facebook.com/ProjectoTroikaPortugal>

tinham voz” e para criar uma memória futura sobre o país. Para isso, acompanharam vários lados da realidade portuguesa, ao longo de um ano, cobrindo assuntos de resiliência e vulnerabilidade, construindo narrativas à volta de temas como a emigração, a pobreza, o desemprego e a precariedade, a terceira idade, o abandono e a crise. Aliás, temas que, para o coletivo, estavam a ser mal representados nos *media* tradicionais. Segundo eles, os meios de comunicação social não estavam a cobrir todos os lados da história nem a dar voz aos verdadeiros atores que sentiram o impacto direto dessas medidas. Para responder às questões e objetivos deste trabalho, realizamos entrevistas semiestruturadas a partir de um guião previamente definido composto por questões abertas que foram enviadas por e-mail, dirigidas a todos os membros do coletivo. Contudo, apenas dois fotojornalistas, Vasco Célio e Rodrigo Cabrita, responderam tempestivamente, por e-mail. O documentarista Pedro Neves e os fotojornalistas Lara Jacinto, Paulo Pimenta e Adriano Miranda responderam presencialmente e o seu conteúdo foi gravado. Essas entrevistas decorreram entre setembro de 2014 e maio de 2015. Os profissionais têm carteira profissional de jornalista e foi nesse enquadramento que os entrevistamos. As entrevistas centraram-se nas cinco questões-chave abertas apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1. Guião com as questões abertas colocadas

Questão	
1	De que forma o <i>Projecto Troika</i> contribuiu para desvelar histórias invisíveis de vulnerabilidade e resiliência?
2	De que forma as narrativas visuais que realizaram podem contribuir ou não para o desenvolvimento?
3	De que forma o trabalho desenvolvido pode empoderar a sociedade civil para o desenvolvimento humano?
4	Em que medida o projeto desenvolvido se relaciona com a comunicação para o desenvolvimento?
5	Na sua perspetiva, que mudança social o <i>Projecto Troika</i> poderá ou não promover?

Fonte: Elaboração própria, 2015.

A metodologia selecionada ao utilizar questões abertas predefinidas teve por finalidade permitir aos inquiridos maior liberdade na resposta e conduzir-nos ao conhecimento mais cabal da temática. No entanto, de acordo com a maioria dos autores, a interpretação desse tipo de resposta é mais difícil em geral e, no presente caso em particular, uma vez que cada um dos fotógrafos retratou uma temática distinta dos impactos da crise portuguesa. Apesar disso, teve a grande vantagem de nos permitir perceber com mais rigor os resultados do *Projecto Troika*, visto segundo as perspetivas dos seus diferentes intervenientes, de uma forma mais abrangente e com pontos de vista distintos.

Discussão de resultados

De uma maneira geral, as palavras *injustiça*, *desigualdade*, *denúncia*, *mudança social* foram o tapete que fundamentaram os motivos do coletivo *Projecto Troika* para desenvolver o projeto de forma totalmente independente, por meio do *crowdfunding*, e que tinha como intuito mostrar o lado desestruturante das medidas de austeridade em Portugal. Seguidamente, apresentam-se os resultados das respostas efetuadas aos principais intervenientes no *Projecto Troika* sobre a forma como este contribuiu para desvelar histórias invisíveis de vulnerabilidade e resiliência. Os resultados das entrevistas mostraram que os entrevistados, de forma unânime, afirmaram que urgia criar um registo visual dos efeitos dessas medidas na sociedade portuguesa para memória futura, para elevar o debate público sobre a questão de pobreza, emigração, questões de terceira idade, vulnerabilidade social, desemprego e, nesse sentido, criar um efeito de reflexão sobre essas questões que, segundo eles, poderiam acontecer a qualquer um.

Célio (2015) considera que havia uma

[...] lacuna muito grande em Portugal de documentos visuais [principalmente fotografia] que documentem as alterações sociais e espaciais do país, lacuna que se deve a um desconhecimento do valor e importância deste meio como registo fiel e direto, assim como fruto de um desinvestimento em cultura que se têm verificado nos últimos 20 anos.

Esse fotógrafo retratou o tema do abandono como herança e como futuro e considerou que isso foi abordado numa perspetiva de trabalho em equipa multidisciplinar na temática análise. Por seu lado, Cabrita (2015) retratou o tema da terceira idade e a

condição de vida de muitos idosos: “Gente que morre de indiferença sob todas as formas. Gente sem força, sem fé. Gente no fim da linha. Merecem mais. Quis compreender essa realidade. Assusta-me chegar lá.” Cabrita vê na “concretização” do *Projecto Troika* um “enorme ato de cidadania” e considera que esse projeto pode contribuir para desvelar histórias invisíveis de vulnerabilidade e resiliência.

A partir de uma vontade coletiva dos membros do projeto conseguiu-se chegar a muitos casos. Deu-lhes voz. A criação de um livro é a melhor forma de desvelar histórias e emprestar uma dignidade enorme que não tem noutro formato. De alguma forma substituímos a própria comunicação social, que pelo seu enquadramento, pode e deve fazer mais neste aspecto. (Cabrita, 2015)

Inquiridos sobre de que forma as narrativas visuais que realizaram podem contribuir ou não para o desenvolvimento, o documentarista Neves (2015) foi mais otimista ao se referir que:

[...] as narrativas visuais, como o *Projecto Troika*, têm o poder de alertar, consciencializar para uma realidade que desconhecem e que pode ser vizinha a qualquer um de nós. [...] Pode fazer a diferença, porque é intrínseco ao documentário que me interessa [...] é a ideia de denúncia; e considero que também serviu para isso, porque “ouço muitas pessoas que, depois de verem a sessão me vêm dizer que não sabiam que as coisas eram assim, mas por vezes como alerta de consciências acho que sim que é possível.

Já Lara Jacinto (2015) assume uma “frustração” pelo facto de o trabalho não ter um impacto direto na vida das pessoas retratadas.

"Estou cada vez mais descrente. O projecto teve realmente impacto, foi bastante falado e teve bastante visibilidade. Mas não sei até que ponto isso fez com que as pessoas, pelo menos tanta gente como seria de esperar olhasse para o trabalho e reflectissem sobre os temas. Eu ouvi de muita gente que estamos tão inundados com este tipo de abordagem que já não são sensíveis a isso. Ou então que isso pode ter um lado perverso, que é a exposição das pessoas neste trabalho. Por que as pessoas têm que ser expostas. E eu tenho pensado muito nisso Até que ponto é benéfico uma pessoa expor-se. Será que vai contribuir cada vez mais para o estigma e não fico em paz com isso. O facto de as coisas serem muito faladas nos media não significa nada."

Cabrita (2015) partilha uma opinião semelhante

[...] seria bom que alguém visse este trabalho, e também num ato de cidadania como este,

ajudasse quem lá está retratado. Mas isto é uma ajuda pontual. A ajuda sustentada está no poder político. Independentemente dessa frustração, e até que o dedo doa, não devemos desistir nunca. Amanhã pode ser qualquer um de nós.

Para esse fotógrafo, as narrativas visuais podem contribuir ou não para o desenvolvimento a partir de uma ótica puramente política.

Depende sempre de muita coisa. De quem analisar documento, por exemplo. Essencialmente esse progresso só depende do poder político. Levamos isto até eles. Se fossem pessoas interessadas nas questões sociais teriam um papel interventivo. Veriam este projeto, ou outro, em vez de o ignorar. Pessoalmente, e em muitas fases do projeto pensei muitas vezes que isto não serve para nada, que a sua ação/intervenção quase não passa de uma utopia. Mas os sonhadores são assim. Quisemos visualmente fazer parte da história, dar o nosso contributo.

Sobre a questão de que forma o trabalho desenvolvido poder empoderar a sociedade civil para o desenvolvimento humano, Célio e Cabrita (2015) não são tão claros quanto à capacidade de o projeto em causa empoderar a sociedade civil para o desenvolvimento e perspetivam funções diferentes. “Penso que só o facto de pararmos para olhar para estas imagens, já é um processo de pensar sobre estas questões”, responde o primeiro autor. Por seu turno, Cabrita (2015) afirma que “somos uma pequena peça do puzzle que é a sociedade civil. Juntos podemos fazer a diferença, nesta ou noutra área profissional. A conclusão deste projeto é um exemplo disso. Venham mais exemplos”. Em rigor, nenhum dos fotógrafos abre uma porta evidente sobre o potencial ou não de empoderamento do *Projecto Troika*, isto é, de, o projeto dar ferramentas de mobilização que possam ter impacto direto no desenvolvimento.

Já Neves (2015) ressalva a importância da memória e do seu documentário como construção de uma identidade como locomotiva do empoderamento da sociedade civil.

O documentário é memória e dá-nos uma visão do mundo sobre um determinado tipo de realidade, se um dia olharmos para trás e queremos memória. O documentário é uma poderosa ferramenta de memória. O documentário é tempo e dá-nos esse tempo de reflexão e já uma reflexão que tem em vista proporcionar o debate e manter uma série de questões em aberto e dá-nos espaço para olhar. Considero que nos ajuda muito e nos pode ajudar muito à construção da identidade nacional que é uma construção de identidades também.

Esta perspetiva é também partilhada pelo fotógrafo Paulo Pimenta (2015) que afirma

É uma luta contra o tempo. O que está a acontecer a Portugal não pode ficar esquecido no tempo. Estão a retirar-nos direitos. A asfixiar-nos. E é minha missão enquanto fotógrafo denunciar e criar uma memória do que está a acontecer. Um país sem memória, uma geração sem memória é vazia. E eu quero contribuir para que não se esqueça.

Sobre a questão em que medida o projeto desenvolvido se relaciona com a comunicação para o desenvolvimento, ou seja, sobre a potencial relação entre o *Projecto Troika*, o jornalismo e a comunicação para o desenvolvimento, Neves, Célio e Cabrita (2015) têm uma posição comum e assumem que há uma relação direta. Neves (2015) estende a sua resposta à sua própria experiência e refere que tem desenvolvido vários trabalhos na lógica que cruza o jornalismo, com o documentário e a comunicação para o desenvolvimento afirmando que:

Sinceramente considero que passa tudo por aí neste momento. Por acaso tenho feito muito isso [com o documentário] e considero que começa a haver cada vez mais essa consciência. Hoje vivemos num tempo de imagens e tempo de informação, uma avalanche de informação muito pouco desenvolvida e de imagens. [...] Eu já fiz dois documentários para a rede europeia antipobreza, um sobre gente que vivia sem rendimento mínimo era para desmistificar um pouco a questão dos rendimentos mínimos e os estereótipos à volta dessas questões, com uma família cigana que nunca tinha tido o rendimento mínimo. Esse documentário foi feito para passar em escolas, em formações e utilizaram-no como ferramenta para que as pessoas pudessem ver, através do filme, essas questões e debater essas questões.

De igual forma, Cabrita (2015) crê que tem “tudo a ver”.

A fotografia é mais um veículo, é mais uma forma de comunicação como é a escrita, a pintura, etc. Cada uma tem o seu papel, são formas de expressão diferentes, mas que contribuem para essa ponte entre a arte e a forma de comunicar. Que sirva para desenvolvimento e, se possível, sustentado.

No sentido de comprovarmos o potencial acrescido do documentário face às fotografias, inquirimos, posteriormente, os fotógrafos Adriano Miranda, Lara Jacinto e Paulo Pimenta, que, genericamente, nos confirmam que a imagem em movimento

[...] tem essa capacidade emocional e contínua de colocar as pessoas a conversar sobre o assunto. Mais do que a fotografia, por serem imagens fixas sem outras linguagens. O facto de o documentário ter som e ser uma forma de representar a realidade em movimento cria esse potencial. (Jacinto, 2015)

Sobre a quinta questão, nomeadamente: que mudança social poderá ou não o *Projecto Troika* promover, há dúvidas. Assim, Célio (2015) crê que pode ter impacto ao nível de uma mudança na percepção da realidade. “Como com qualquer bom documento visual, faz com que passemos a ver de forma diferente”. Por seu lado, Cabrita (2015) distende a resposta ao campo da esperança:

Espero que ajude a promover a redução da desigualdade e que traga a dignidade humana esquecida. Que promova uma sociedade justa para todos. Mas nós somos uma ínfima parte do processo, não somos a solução, mas gostava que tivéssemos uma percentagem no caminho até se encontrar uma.

Por seu turno, Neves (2015) considera que o impacto de um projeto como o presente vai depender sempre do uso que se faz dele.

Acho que depende de quem o ler e de quem o vir e de quem se quiser dar ao trabalho de refletir, pode ser um nível micro e espalhar-se um pouco. Nacionalmente sim, mas internacionalmente não, para se perceber que este não é o país de bons alunos e resignados, por isso, houve este coletivo que não se conformou e que houve gente que debateu, houve Boaventura Sousa-Santos que escreveu o prefácio. E é a esse nível, tenho aqui, aquilo que me agrada mais no projeto e que o faz funcionar que é o modo como se conseguiram ligar nove olhares completamente diferentes, em que cada um retratou aquilo que quis retratar, filmou ou fotografou aquilo que mais o impressionou, desde a pobreza extrema, à emigração, à geração “nem nem”: que nem estuda nem trabalha, ao olhar das pessoas que passaram a recorrer ao programa alimentar. E há o trabalho mais concetual dos não lugares, o tal país que um dia ousou sonhar e lhe disseram que tinha sonhado demasiado alto, antes que o sonho se concretizasse, acho que é isso que o faz funcionar porque são muito diferentes. [...] e é esta perspetiva que pode funcionar, mostrar que há um outro lado que os *media* e os políticos não estão a ter em conta.

Considerações finais

Por um lado, o *Projecto Troika* enquadra-se no que se considera ser o jornalismo para o desenvolvimento e aborda, a partir de um processo de investigação jornalística,

sobretudo a injustiça social, o estado de um país em crise, por meio do tratamento narrativo de áreas temáticas consideradas prioritárias para a agenda das NU como as desigualdades (sociais), crescimento e emprego (a partir do desemprego), governança (de forma indireta pelo questionamento dos efeitos das medidas de austeridade) e dinâmica populacional (como as questões de emigração). Podemos mesmo afirmar que o projeto assume o papel de “advocacy” a favor dos “sem-voz”. As entrevistas ao documentarista Neves e fotógrafos Célio e Cabrita (2014 e 2015), e os resultados posteriores das entrevistas diretas aos restantes fotógrafos, dão conta que existe uma consciência dos intervenientes desse propósito de comunicação para o desenvolvimento, embora questionem a capacidade de o projeto “empoderar” a sociedade para a mudança. Essa visão de empoderamento para os entrevistados é respondida sob a perspectiva da importância do projeto que cria uma memória para a reflexão e financiado de forma totalmente independente. É a partir dessa lente que o coletivo realça o potencial do *Projecto Troika* para a mudança social. Ou seja, por meio de um “envolvimento” da sociedade civil para dar voz a quem não tem voz. Todavia, sob essa ótica, reconhecem que não empodera, de imediato, nem os indivíduos retratados nem a sociedade civil, e serve antes como um propósito de documento visual que retrata historicamente um período do país. No entanto, à luz do que foi descrito nos parâmetros do jornalismo para o desenvolvimento, podemos considerar que, se o jornalismo, *per se*, é uma ferramenta poderosa que empodera os indivíduos e constrói comunidades locais mais fortes, que eleva a consciência global sobre desenvolvimento, então, nessa perspectiva, o *Projecto Troika* tem potencial de empoderamento visto que promove indivíduos mais informados sobre o tema. Para além disso, se o jornalismo para o desenvolvimento analisa as condições dos países em desenvolvimento e dá perspectivas de como melhorá-las, e se expõe questões de pobreza pelo mundo, o que contribui para investigar as causas, as consequências, bem como aborda questões de pobreza em PVD, podemos considerar que os elementos do projeto em causa, sendo jornalistas, chamam a atenção para assuntos que estão ignorados ou subrepresentados por outros meios de comunicação social e pela comunidade política internacional. Ainda, demonstra que, ao dar voz (amplificando problemáticas) a um universo amostral de afetados pelas medidas de austeridade da *Troika*, potencia uma reflexão, ainda que essa reflexão seja muito limitada. Conforme confirmamos, essa capacidade é mais potenciada pelo

documentário (a imagem em movimento) do que as imagens fotográficas. Assim, sugere-se que, em futuras temáticas jornalísticas nesse âmbito do jornalismo para o desenvolvimento, sejam combinadas, sempre que possível, narrativas que associem quer documentários, quer entrevistas registradas em áudio aos principais intervenientes, como forma de empoderar a sociedade e contribuir de forma mais eficaz para a mudança social.

Referências

- AGGARWALA, N. K. (1978). News with Third World perspective: A practical suggestion. Em P. C. Horton (Ed.). *The third world and press freedom* (pp. 197-209). Nova York: Preager.
- CHALKLEY, A. (1968). *A manual of development journalism*. Manila: Thomson Foundation and Press Foundation of Asia.
- CHALKLEY, A. (1980). Development journalism — a new dimension in the information process. *Media Asia*, 7(4), 215–217.
- CABRITA, R. (29 de janeiro de 2015). Entrevista sobre Resultados para o Desenvolvimento do *Projecto Troika* de narrativas visuais.PDF. Vanessa Rodrigues, Universidade Lusófona do Porto. Porto.
- CÉLIO, V. (19 de dezembro de 2015). Entrevista sobre Resultados para o Desenvolvimento do *Projecto Troika* de narrativas visuais (DVD). Vanessa Rodrigues, Universidade Lusófona do Porto. Porto.
- DEANE, J. & HIGGINS, S. (2007). *Development, Governance and the Media - Media and the Millennium Development Goals: advocacy or debate?* (1st ed., pp. 27-33). Londres: Charlie Becket & Laura Kyrkie-Smith. Retrieved from <http://www.lse.ac.uk/media@lse/Polis/documents/DevelopmentGovernanceMedia.pdf>
- FONSECA, A., DIZ, H., DOS-SANTOS, M. J. P. L.. O Crowdfunding como Financiamento do Jornalismo de Investigação em Portugal. *Palavra Clave*.
- JACINTO, L. (19 janeiro de 2015). Entrevista sobre Resultados para o Desenvolvimento do *Projecto Troika* de narrativas visuais. [PDF]. Vanessa Rodrigues, Universidade Lusófona do Porto. Porto.
- INE (2015). *O inquérito às condições de vida e rendimento*. Recuperado em 12 fev.

- 2015 de https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_pesquisa&frm_acciao=PESQUISAR&frm_show_page_number=1&frm_modos_pesquisa=PESQUISA_SIMPLES&frm_texto=inqu%C3%A9rito+%C3%A0s+condi%C3%A7%C3%B5es+de+vida+e+rendimento&frm_modos_texto=MODO_TEXTO_ALL&frm_data_ini=&frm_data_fim=&frm_tema=QUALQUER_TEMA&frm_area=o_ine_area_Destaques&xlang=pt
- OECD (2014). *Rising inequality: Youth and poor fall further behind*. Recuperado em 15 dez. 2014 de <http://www.oecd.org/social/OECD2014-Income-Inequality-Update.pdf>
- PAULA, P. M. (2012a). *Comunicação para o Desenvolvimento: Novo Paradigma de Intervenção Comunitária Rádios Comunitárias da Guiné-Bissau e de Moçambique*. CIES e-Working Paper n.º 133/2012. Recuperado em 28 jan. 2015 de http://www.cies.iscte.pt/np4/?newsId=453&fileName=CIES_WP133_Paula.pdf
- PAULA, P. (2012b). *Towards African Communication for Development*. Guinea-Bissau e Mozambique cases, Associação Portuguesa de Sociologia. Recuperado em 5 jan. 2015 de http://www.aps.pt/vii_congresso/papers/finais/PAP0432_ed.pdf
- PIMENTA, P. (27 de dezembro de 2014). Entrevista sobre Resultados para o Desenvolvimento do *Projecto Troika* de narrativas visuais. [PDF]. Vanessa Rodrigues, Universidade Lusófona do Porto. Porto.
- NEVES, P. (29 de janeiro de 2015). Entrevista sobre Resultados para o Desenvolvimento do *Projecto Troika* de narrativas visuais. [DVD]. Vanessa Rodrigues, Universidade Lusófona do Porto. Porto.
- QUEBRAL, N. (2002). *Reflections on Development Communication (25 years after)*. Los Baños, College of Development Communication, University of Philippines.
- ROMANO, A.(1998). Normative theories of development journalism: State versus practitioner perspectives in Indonesia. *Australian Journalism Review*, 20(2), 60-87.
- ROMANO, A. (1999). Development journalism: State versus practitioner's perspectives in Indonesia. *Media Asia*, 26(4), 183-191.
- ROMANO, A. (2005). Asian journalism: News, development and the tides of liberation and technology. Em A. Romano e M. Bromley (Eds.). *Journalism and*

- democracy in Asia* (pp. 1-14). Londres: Routledge.
- ROMANO, A. E HIPPOCRATES, C. (2001). Putting the public back into journalism. Em S. Tapasall e C. Varley (Eds.). *Journalism theories in practice* (pp. 166-184). Melbourne: Oxford University Press.
- UNESCO (1980). *Many Voices, One World*. Communication and Society Today and Tomorrow. Nova York: Unesco.
- NAÇÕES UNIDAS (2015). Inquérito sobre preocupações mundiais dos cidadãos. Recuperado em 25 jan. 2015 de <http://vote.myworld2015.org/>
- UNITED NATIONS DEVELOPMENT GROUP (2015). A million voices: The world we want (UNDG). Recuperado em 3 fev. 2015 de <https://www.worldwewant2030.org/>
- STEVENSON, R. L. (1994). *Global communication in the twenty-first century*. Nova York: Longman.
- XIAOGE, X. (2009), Development Journalism, Handbook of Journalism Studies, Routledge, pp. 357-370. Recuperado em 27 jan. 2015 de <http://www.rasaneh.org/Images/News/AttachFile/30-9-1390/FILE634600594129473750.pdf>